3. REFERENCIAL PROJETUAL

Em busca de uma análise projetual e conceitual, de projetos associados aos temas abordados anteriormente, as referências projetuais contam com dois projetos nacionais e um internacional, sendo uma delas o estudo de caso. Este capítulo tem como finalidade o entendimento do funcionamento a das intenções de proejto para o melhor resultado final da proposta deste trabalho.

3.1.1 DADOS HISTÓRICOS E LOCALIZAÇÃO

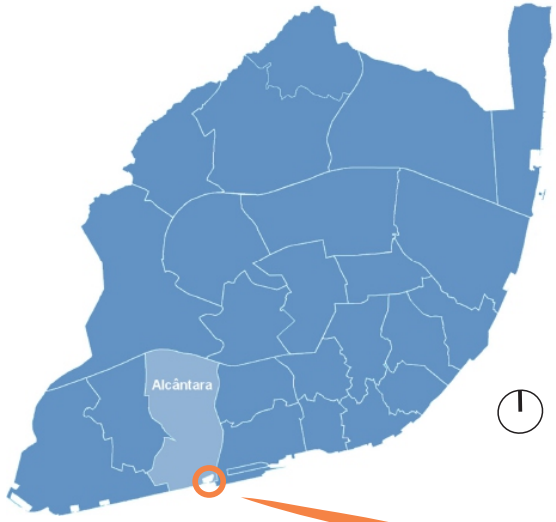
De acordo com Carvalho (2009), as industrializações das cidades em Portugal aconteceram de uma forma tardia. E apesar de sempre estarem atrás da cidades da Inglaterra e Bélgica, o bairro de Alcântara (Figura 1) representa muito bem um dos impulsos que Lisboa deu para a indústria portuguesa. Em 1846 foi iniciada a construção da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense e inaugurada três anos depois com um grande conjunto industrial construído de pedra e ferro.

Após a implementação da República, em 1910, a Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense começou a apresentar problemas financeiros, o que agravou em 1917 com a crise. A companhia se separou, tendo os edifícios vendidos à empresa Portugal e Colónias e, depois, à tipografia Anuário Comercial de Portugal e Gráfica Mirandela (RIBEIRO, 2007, p. 54).

Anos se passaram e as atividades das empresas foram parando, o abandono foi ficando visível e fazendo o lugar se tornar inseguro e inútil à cidade.

Foi quando em 2007 uma empresa chamada Mainside investiu no local. A qual teve algumas dificuldades no início por causa do plano diretor que taxava o local como zona industrial. Porém, arranjou a solução de justificar as novas atividades como indústria criativa (RIBEIRO, 2007, p. 54). A ideia era realmente criar uma cidade criativa, onde ali entre os edifícios industriais houvesse cultura, lazer, gastronomia e muita informação. Numa localização estratégica (Figura 2), com 10 edifícios, 200 empresas de diversos campos, o LxFactory trouxe vida ao local abandonado e fez com que a população se identificasse e curtisse o local todos os dias.

Figura 1: Bairros de Lisboa com destaque para a Região de Alcântara.



Fonte: Vetor modificado por autora, 2019.

Figura 2: Localização LxFactory (Em Vermelho).

Fonte: Lopes, 2014.

3.1.2 FICHA TÉCNICA E LOCALIZAÇÃO

ANO DO PROJETO ORIGINAL: 1846
PROJETO ARQUITETÔNICO: JOÃO PIRES DA FONTE
ANO PROJETO LXFACTORY: 2007-2008
ÁREA CONSTRUÍDA: 9.000m²
ENDEREÇO: AV BOULEVARD CASTILHO S/N BAIRRO CAMPINA BELÉM.PA

3.1.3 ACESSOS E CIRCULAÇÃO

Na figura 3 pode-se entender a implantação de uma forma básica, juntamente com suas principais circulações e acessos.

Os acessos principais são apenas dois e bem definidos, um pela Av. Índia (Figura 4) e outro pela Rua Rodrigues de Faria (Figura 5). O primeiro encontra-se em uma avenida de grande fluxo e tornou-se algo de passagem, sem ser muito atrativo, por isso o portão de entrada localizado lá fica fechado, segundo Ribeiro (2014). Já o segundo acesso se faz como o principal e o mais famoso do local, onde está localizado o seu portal de entrada em uma rua estreita e de baixo fluxo de automóveis.

Como no complexo fabril a circulação de carros é restrita para dias de eventos e para serviço, a entrada dos mesmos é feita pela Av. Índia e a saída pela Rua Rodrigues de Faria. E como citado acima, a entrada e saída de pedestres está concentrada também na Rua Rodrigues de Faria. Em torno do local existem estacionamentos com o valor, em torno, de dois euros sem um tempo limite, facilitando a chegada de usuários que estão em áreas mais distantes. Porém o local incentiva bastante o uso de bicicletas, tendo bicicletários e alugueis das mesmas no local.

Figura 5: Entrada principal

Fonte: Site Viagem para Lisboa, 2018.

Figura 4: Entrada de Veículos fechada.

Fonte: Street View, Google Earth, 2017.

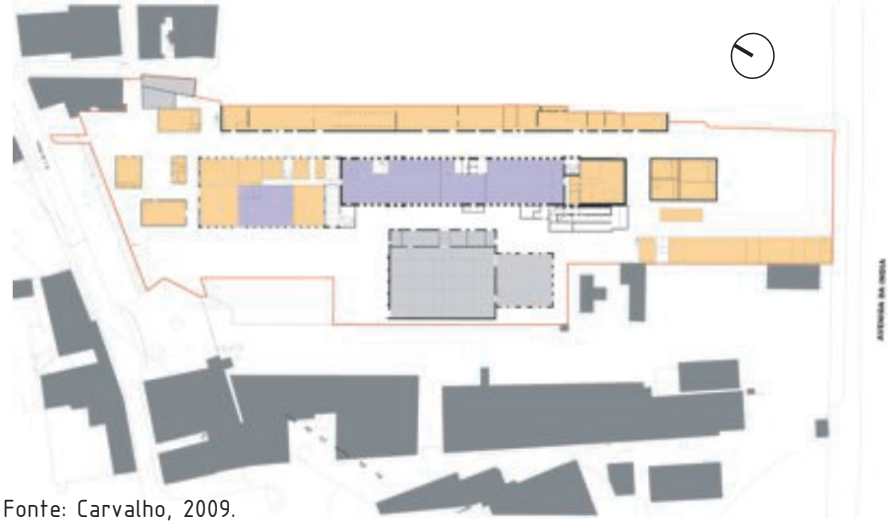
Figura 3: Vista de cima da implantação da Estação das Docas.

Fonte: Google Earth com adaptações do autor, 2019.

3.1.4 ZONEAMENTO

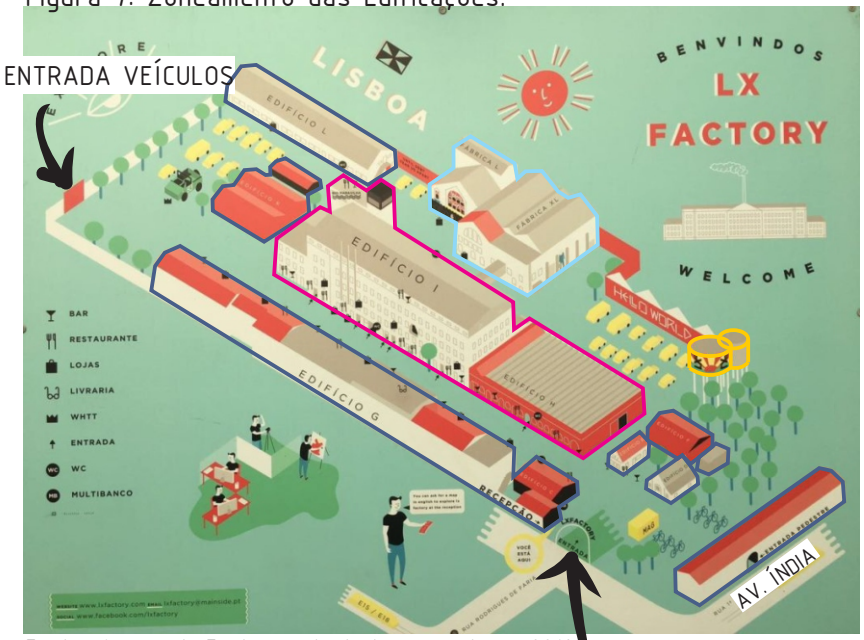
Segundo Carvalho (2009), por conta da enorme variedade de usos dos edifícios industriais, há uma análise mais ampla para o entendimento do zoneamento. Na Figura 6, pode-se perceber que há espaços livres, espaços ocupados e espaços reservados. A diferença entre eles está, basicamente, na função dos mesmos. Os espaços de circulação possuem plantas livres, utilizados para pontos de encontros, feiras, apresentações e shows. Os espaços ocupados são aqueles que já estão em uso fixo para cunho cultural e comercial. Já o espaço acizentado é reservado para serem alugados para eventos privados.

Figura 6: Macro zoneamento LxFactory.



Fonte: Carvalho, 2009.

Figura 7: Zoneamento das Edificações.



Fonte: Acervo LxFactory adaptado por autora, 2019.

Conforme a Figura 7, é possível analisar a implantação em perspectiva e entender melhor a volumetria e a disposição dos edifícios. Nela também pode-se notar a separação dos edifícios por nomes, a qual também segrega as funções de cada um deles. No térreo, a arte e a cultura estão por todos os lados sejam eles em forma de comércio ou exposições. Já nos pisos do Edifício 1 e da Fábrica XL encontram-se empresas de âmbito mais privativo e com acesso mais restrito.

Há alguns estacionamentos espalhados pela área, porém são pouco explorados já que a utilização de bicicletas é bem incentivada de forma que há lugar para estacioná-las também.

LEGENDA:

- COMÉRCIO CULTURAL/ FLUXO PRINCIPAL
- COMÉRCIO EMPRESARIAL/ESCRITÓRIOS/USO SEMIPRIVADO
- ESPAÇO PARA EVENTOS
- CAIXA D'ÁGUA/MARCO

3.1.5 VOLUME E RELAÇÃO COM O ENTORNO

A LxFactory tem uma volumetria característica do estilo industrial, passou por uma revitalização encontra-se em uma área com cunho industrial de Lisboa. Outra consequência deste estilo é o pé direito alto, o qual na época do projeto inicial era essencial para a utilização de máquinas e afins. Como o complexo foi construído aos poucos, muitos edifícios não possuem o mesmo estilo, ordem e simetria, porém todos possuem suas particularidades industriais.

Por serem construções de grande porte, teriam tudo para criarem uma relação desordenada com o entorno. Porém como a região de Alcântara era industrial, os espaços são extensos e não dão a sensação do real tamanho que elas realmente têm, como observado na Figura 8 e 9. A Ponte 25 de Abril com seu porte mais alto, também ameniza essa sensação. Já em relação aos muros que a circundam, a solução para não se tornarem uma barreira entre a cidade e o complexo foi trazer a arte para eles. Como o conceito já era esse, a ideia de criar grafites (Figura 10) e uma entrada que traga conforto aos usuários foi fácil.

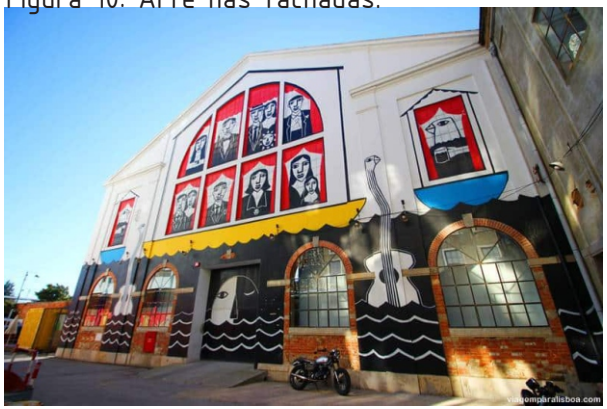
Figura 8: LxFactory e a relação com seu entorno.

Fonte: Google Earth com alterações do autor, 2019.

Figura 9: A relação entre pessoas e os edifícios.

Fonte: Site Viagem para Lisboa, 2018.

Figura 10: Arte nas fachadas.



Fonte: Site Viagem para Lisboa, 2018.

3.1.6 ESTRUTURA

A estrutura é composta de ferro, pedra e tijolos, materiais típicos de uma arquitetura industrial. Foi projetada pelo arquiteto João Pires da Fonte em 1846 e inaugurada três anos depois. De acordo com Carvalho (2009), o arquiteto privilegiou a insolação e sempre previu a expansão da fábrica de Santo Amaro, deixando uma distância no seu entorno, além de seguir seu estilo de formação neoclássica.

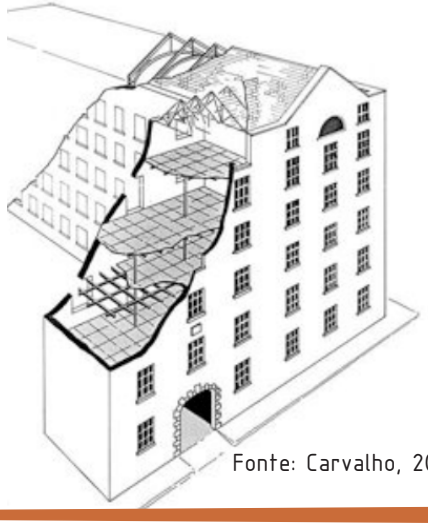
A construção onde se localizava a fábrica de Santo Amaro é considerada uma das principais do complexo, como sendo a mais antiga e mais característica da história do local. Por isso, Carvalho (2009) analisa ela de uma forma mais específica, mencionando que o edifício conta com uma planta de forma retangular, lembrando um bloco de paralelepípedo. Possui quatro andares, sendo acrescentado, posteriormente, o quinto com uma cobertura de fibrocimento. Este modelo de fábrica com pisos superiores foi seguido pelo modelo manchesteriano, segundo Carvalho (2009). Este modelo tinha como pré requisito uma planta baixa livre, a fábrica em altura, o sistema de transmissão a vapor e uma estrutura de coluna, vigas metálicas e coberturas abobadilhas, como por exemplo na Figura 12. A ideia era que a fabricação dos produtos seguisse uma sequência de produção de cima para baixo e diretamente do térreo para fornecedores.

A planta livre tinha como função caber o maquinário. E conforme Carvalho (2009) comenta e a Figura 11 mostra, a estrutura metálica no seu interior compõe grandes naves com duas fileiras de colunas, cada uma delas com 23 colunas de 3,34 metros de altura, que distam da mais próxima 3,05 metros e 6,2 entre fileiras. Já as aberturas das janelas são de 1,22m e possuem um espaçamento entre elas na mesma medida. Um fato curioso é sobre um buraco que é, sem dúvidas, um marco na fachada da fábrica e toma lugar de onde deveria estar uma janela (Figura 13). Porém quando algum maquinário estragava, a solução para retirada deles e a colocação de um novo era quebrar a parede para a passagem dos mesmos. Sendo assim, como lembrança, o buraco na fachada continuou a fazer parte do cenário do complexo industrial LxFactory.

Figura 11: Vista interna estrutura Armazém 2.

Fonte: Carvalho, 2009.

Figura 12: Vista interna estrutura Armazém 2.



Fonte: Carvalho, 2009.

Figura 13: Vista interna estrutura Armazém 2.

Fonte: Mariana Vetrone, 2017.

3.1.7 CONFORTO AMBIENTAL

Pelo fato de estar localizado em uma área industrial, com um espaçamento bom entre um terreno e outro, o complexo LxFactory tem uma insolação considerada boa, pois recebe a luz do sol diariamente. Segundo Carvalho (2009), o arquiteto João Pires da Fonte teve como diretriz a orientação perpendicular do complexo fabril ao Rio Tejo. Na figura 14 é possível entender a relação que o rio tem quanto a implantação da fábrica.

Mesmo possuindo materiais pesados, a quantidade de aberturas é suficiente para a luz natural adentrar ao edifício juntamente com a ventilação cruzada que elas causam. Isso também faz com que a relação interior e exterior cresça e traga um melhor conforto visual de quem está dentro da fábrica. Vale ressaltar também a criação de novas aberturas além das já existentes, as quais trazem iluminação para os corredores que costumavam ser mais sombrios, como por exemplo nas Figuras 15 e 16.

Figura 14: Mapa conforto ambiental LxFactory.

Fonte: Google Earth com alterações do autor, 2019.

Figura 15: Vista interna e sua iluminação natural.

Fonte: Carvalho, 2009.

Figura 16: Aberturas grandes proporcinando iluminação natural

Fonte: Michelle Benedet, 2018.